

São Paulo, 12 de março de 2019

NOTA À IMPRENSA

## **Custo da cesta básica aumenta em 17 capitais**

Em fevereiro de 2019, o custo do conjunto de alimentos essenciais subiu em quase todas as capitais, exceto em Belém (-0,27%), conforme mostram os resultados da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 18 cidades. As altas mais expressivas ocorreram em Recife (7,88%), Natal (6,75%), Aracaju (6,46%) e Vitória (5,97%).

A capital com a cesta mais cara foi São Paulo (R\$ 482,40), seguida pelo Rio de Janeiro (R\$ 464,47) e por Porto Alegre (R\$ 449,95). Os menores valores médios foram observados em Salvador (R\$ 362,93) e São Luís (R\$ 368,82).

Em 12 meses, entre fevereiro de 2018 e o mesmo mês de 2019, todas as cidades acumularam alta. Merecem destaque as elevações registradas em Campo Grande (17,66%), Goiânia (14,39%) e Belo Horizonte (11,29%).

Nos primeiros dois meses de 2019, 13 cidades apresentaram aumento acumulado. Vitória (11,33%), Recife (10,50%) e Natal (10,01%) foram as localidades com as principais elevações. Outras cinco acumularam queda, com destaque para Florianópolis (-3,48%) e Porto Alegre (-3,18%).

Com base na cesta mais cara, que, em fevereiro, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em fevereiro de 2019, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.052,65**, ou 4,06 vezes o mínimo de R\$ 998,00. Em janeiro de 2019, o piso mínimo necessário correspondeu a R\$ 3.928,73, ou 3,94 vezes o mínimo vigente. Já em fevereiro de 2018, o valor necessário foi de R\$ 3.682,67, ou 3,86 vezes o salário mínimo, que era de R\$ 954,00.

**TABELA 1**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos**  
**Custo e variação da cesta básica em 18 capitais**  
**Brasil – fevereiro de 2019**

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	482,40	3,15	52,54	106h20m	2,32	10,31
Rio de Janeiro	464,47	0,87	50,59	102h23m	-0,49	5,96
Porto Alegre	449,95	1,88	49,01	99h11m	-3,18	3,56
Vitória	449,54	5,97	48,96	99h06m	11,33	9,42
Florianópolis	441,89	0,99	48,13	97h25m	-3,48	3,96
Campo Grande	438,64	5,74	47,77	96h41m	3,73	17,66
Brasília	427,54	0,10	46,56	94h15m	-1,90	4,61
Belo Horizonte	425,00	4,83	46,29	93h41m	3,99	11,29
Fortaleza	416,86	3,19	45,40	91h53m	4,91	5,41
Goiânia	416,40	4,56	45,35	91h47m	7,08	14,39
Curitiba	414,03	3,09	45,09	91h16m	-1,20	5,38
Belém	383,76	-0,27	41,80	84h36m	0,38	1,16
Aracaju	379,61	6,46	41,34	83h41m	5,81	11,13
João Pessoa	378,26	4,80	41,20	83h23m	9,57	6,81
Recife	376,34	7,88	40,99	82h58m	10,50	5,70
Natal	375,58	6,75	40,91	82h47m	10,01	7,63
São Luís	368,82	4,23	40,17	81h18m	4,36	3,39
Salvador	362,93	2,69	39,53	80h00m	5,56	7,83

Fonte: DIEESE

## Cesta básica x salário mínimo

Em fevereiro de 2019, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 91 horas e 16 minutos e em janeiro, a jornada necessária foi calculada em 88 horas e 05 minutos. Em fevereiro de 2018, quando o salário mínimo era de R\$ 954,00, o tempo médio equivalia a 88 horas e 38 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em fevereiro, 45,09% da remuneração para adquirir os produtos, percentual superior ao de janeiro, que foi de 43,52%. Em fevereiro de 2018, quando o salário mínimo valia R\$ 954,00, a compra demandava 43,79% do montante líquido recebido.

## Comportamento dos preços<sup>1</sup>

Entre janeiro e fevereiro de 2019, foi predominante a alta no preço do feijão e da batata, coletada no Centro-Sul. Já as cotações do café em pó e da farinha de mandioca, coletada no Norte e Nordeste, tiveram redução média de valor na maior parte das cidades.

O preço do feijão aumentou em todas as capitais, em fevereiro de 2019. O grão do tipo carioquinha, pesquisado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, teve alta em todas as cidades, com destaque para as taxas de Aracaju (91,65%), Campo Grande (90,91%), Salvador (71,06%), Recife (67,16%), São Luís (60,68%) e João Pessoa (54,30%). Já o valor do feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, subiu entre 17,14%, em Florianópolis, e 31,97%, em Vitória. Em 12 meses, o preço do grão carioquinha acumulou alta em todas as capitais: as taxas variaram entre 20,55%, em Brasília, e 160,20%, em Campo Grande. O mesmo movimento de alta aconteceu com os preços médios do tipo preto, em 12 meses, com destaque para Vitória (55,72%). A baixa oferta do grão carioquinha e a redução da área semeada explicaram a alta no varejo. A diminuição na oferta de feijão carioquinha pode ser explicada pela redução da área plantada, uma vez que os produtores migraram para outros plantios - como a soja e o milho, e por problemas climáticos, que diminuíram a qualidade do grão. O preço do feijão preto aumentou devido à maior demanda, uma vez que parte dos consumidores substituiu o carioca pelo preto.

O preço do quilo da batata, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em nove cidades e diminuiu em Brasília (-3,31%), em fevereiro. As altas mais expressivas foram registradas em Belo Horizonte (47,32%), Campo Grande (40,21%) e Vitória (38,57%). Em 12 meses, todas as capitais tiveram elevação de valor. As taxas positivas acumuladas variaram entre 1,74%, em Brasília, e 82,66%, em Belo Horizonte. A redução na área plantada da safra das águas e a dificuldade de colheita, devido às fortes chuvas, diminuíram a oferta de batata e os preços aumentaram.

O preço do quilo do café diminuiu em 16 cidades, ficou estável em Aracaju e aumentou em Goiânia (3,90%). As reduções variaram entre -4,93%, em São Luís, e -0,44%, em Brasília. Em 12 meses, 16 cidades mostraram redução, com destaque para Belém (-12,95%), São Paulo (-12,61%) e Rio de Janeiro (-12,59%). Os aumentos ocorreram em Aracaju (2,81%) e Goiânia

---

<sup>1</sup> Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

(1,61%). A queda na cotação internacional teve impacto tanto no ritmo de negócios internos quanto nos valores do varejo. Também as boas perspectivas das safras 2019/2020, apesar da bialidade negativa, sustentaram as baixas de valor.

O quilo da farinha de mandioca diminuiu em sete das oito cidades do Norte e Nordeste, onde é pesquisada. A alta foi anotada em Salvador (2,00%) e as quedas mais expressivas ocorreram em Fortaleza (-4,65%) e São Luís (-3,48%). Em 12 meses, houve redução acumulada em todas as cidades, com taxas que variaram entre -30,84%, em São Luís, e -0,40%, em Aracaju. Apesar da menor oferta da raiz, da maior demanda por parte da indústria e das chuvas que atrapalharam a colheita, o preço da farinha diminuiu no varejo.

## São Paulo

Em fevereiro de 2019, em São Paulo, a cesta de alimentos básicos aumentou 3,15% em comparação com janeiro e custou R\$ 482,40. Foi a cidade com maior custo da cesta, entre as 18 pesquisadas pelo DIEESE. Em 12 meses, a variação foi de 10,31% e nos dois primeiros meses de 2019, de 2,32%.

Entre janeiro e fevereiro de 2019, apenas quatro produtos tiveram alta: feijão cariquinho (49,08%), batata (25,33%), manteiga (1,96%) e carne bovina de primeira (0,96%). Essas elevações mais que compensaram as quedas registradas nos demais produtos: tomate (-4,48%), café em pó (-2,62%), arroz agulhinha (-2,01%), pão francês (-1,43%), farinha de trigo (-1,05%), óleo de soja (-0,85%), açúcar refinado (-0,42%), banana (-0,32%) e leite integral (-0,24%).

Em 12 meses, 10 produtos acumularam alta: feijão cariquinho (97,91%), batata (38,08%), farinha de trigo (25,61%), leite integral (16,20%), manteiga (11,51%), pão francês (8,60%), carne bovina de primeira (4,89%), banana (3,67%), arroz agulhinha (1,39%) e óleo de soja (1,16%). Somente o café em pó (-12,61%), o tomate (-2,12%) e o açúcar refinado (-2,08%) acumularam taxas negativas.

O trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir jornada de trabalho de 106 horas e 20 minutos, em fevereiro de 2019, para comprar a cesta. Em janeiro, o tempo necessário foi de 103 horas e 05 minutos. Já em fevereiro de 2018, a jornada média foi de 100 horas e 51 minutos.

Em fevereiro de 2019, o custo da cesta em São Paulo comprometeu 52,54% do salário mínimo líquido (após os descontos previdenciários), percentual maior o que o de janeiro, quando ficou em 50,93%. Em fevereiro de 2018, representava 49,83%.

---

**DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS**

Rua Aurora, 957, 1º andar - Centro - São Paulo - SP - CEP 01209-001

[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br) - CNPJ 60.964.996/0001-87